

Água da vida: entrevista com o poeta Elikura Chihuailaf

Water of life: interview with the poet Elikura Chihuailaf

Diana Araújo Pereira*

* Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Foz do Iguaçu - PR, 85866-000, e-mail: diana.araujopereira@gmail.com

Giane Lessa**

** Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Foz do Iguaçu - PR, 85866-000, e-mail: gianelessa@gmail.com

Alai Diniz***

*** Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Foz do Iguaçu - PR, 85866-000, e-mail: agadin@gmail.com

Resumo: Entrevista realizada no dia 24 de outubro de 2021, por Diana Araújo Pereira (UNILA), Giane Lessa (UNILA) e Alai Diniz (UNIOESTE) para o **X Congresso Internacional Roa Bastos** (NELOOL/UFSC) e universidades parceiras. Tradução do mapudungun por Hansell Retamal.

Palavras-chave: Poéticas Ameríndias; Entrevista; Elikura Chihuailaf

Abstract: Interview carried out on October 24, 2021, by Diana Araújo Pereira (UNILA), Giane Lessa (UNILA), and Alai Diniz (UNIOESTE) for **X Roa Bastos International Congress** (NELOOL/UFSC) and partnering universities. Translation from Mapudungun by Hansell Retamal.

Keywords: Amerindian Poetics; Interview; Elikura Chihuailaf

Apresentação¹

Minuto: 01

Alai - Bom dia. Bem-vindos a tão esperada entrevista com o poeta Elikura Chihuailaf Nahuelpan, poeta Mapuche de uma cultura ancestral das Terras Altas da América do Sul. **ELIKURA CHIHUAILAF** apresenta seus poemas na língua ancestral mapudungun da cultura Mapuche e em castelhano e elaborando uma poética que parte da oralidade. Após mais de três décadas, finalmente, recebe o Prêmio Nacional de Literatura do Chile em

¹ Esta não é apenas uma transcrição da entrevista, mas contém alguns dados relevantes sobre o poeta. Importante também compreender o contexto em que foi realizada como parte da programação do X Congresso Roa Bastos, criado em 2006 pelo NELOOL – Núcleo de Estudos de Literatura, Oralidades e Outras Linguagens na Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com universidades brasileiras, UNILA, UNIOESTE, Universidad de los Andes, Mérida (Venezuela) e UVIGO, Universidad de Vigo, España.

2020, o máximo reconhecimento em seu país pela riqueza de suas obras. Agradecemos por ter aceitado dialogar conosco sobre a relação entre sua obra e a cultura Mapuche, sua trajetória pessoal e como o poeta se nutre do pensamento de uma cultura sul-americana. Peço uns minutos ao poeta para sua apresentação ao público.

Nascido em Quechurewe, província de Cautín, no ano de 1952, neto de caciques mapuches, muda-se com a família para o pequeno povoado de Cunco, terminando aí o ensino fundamental. Nesta comunidade Elikura recebe a comenda de filho ilustre. Elikura Chihuailaf Nahuelpán, carrega em seu nome um poema: “Pedra transparente na neblina estendida sobre um lago” Nos estudos, forma-se em Medicina, na área de Obstetrícia pela Universidad de Concepción, mas não exerce a profissão. Sua trilha parida foi a literatura.

Em *Recado Confidencial a los chilenos* explicita seu encontro com a literatura a partir da ancestralidade Mapuche e se autodenomina um *oralitor*. Pai de seis filhos vive na comunidade mapuche Quechurehue. A casa azul construída por seus pais reside com sua esposa Camila, sua irmã Rayén e seus filhos, seguindo, entre outros hábitos de sua cultura, o de cortar lenha para a calefação no inverno.

Desde o princípio, Elicura assume, majoritariamente, o idioma materno em suas obras bilíngues, a saber: *El invierno y su imagen* (1977), *En el país de la memoria* (1988) y *El invierno, su imagen y otros poemas azules* (1991); *De Sueños Azules y contrasueños* (1995/6ª edición 2010); *Recado confidencial a los chilenos* (1999). *La palabra: sueño y flor de América. Muestra de oralitura indígena de América. Hablando en el espíritu azul de mi gente*; *Kallfv*, con ilustraciones de Gabriela Cánovas. *Kallfv mapu / Tierra azul*, edición bilingüe con prólogo de Osvaldo Baver y selección de Nestor . *A orillas de un sueño azul*, Ediciones DIBAM, 2010. *La vida es una nube azul*; *Sueños de luna azul y otros cantos. El azul del tiempo que nos sueña. Perimontun / Visiones*.

Além de poeta, Elicura traduziu poetas chilenos como Pablo Neruda e canções de Victor Jara ao mapudungun. Obteve vários prêmios como o de Mejores Obras Literarias do Consejo Nacional del Libro y Lectura, em 1994. O Prêmio Municipal de Literatura de Santiago, em 1997 e foi Secretário Geral da “Agrupación de Escritores indígenas”. Recebeu convites para ler seus poemas em países latino-americanos (México, Venezuela e Colombia) e em países europeus (Italia, Holanda, Suécia, Espanha) e latino-americanos.

O mapudungun identifica a resistência de um povo guerreiro, reconhecido, a princípio, pelos colonizadores pela coragem, fibra e força com que resistiram à investida europeia

durante a conquista espanhola no Chile, chamados pelos invasores de Araucanos, cantado por um dos inimigos. seguiram lutando também, após a independência, quando o Wallmapu foi usurpado território chileno e Argentino. Até hoje lutam contra a perseguições, invasões e injustiças históricas.

- Elikura Chihuailaf, é imensa a satisfação em tê-lo conosco. Há muito tempo tento trazê-lo ao Brasil. Especialmente por estar aqui neste evento Roa Bastos, quando em seu país se discute uma Nova Constituição. Sabemos como, historicamente, o povo Mapuche sofreu um longo processo persecutório de discriminação, tendo sido divididos, após a independência, com usurpação territorial. Em 2005 tive a oportunidade de trazer do Chile *Recado confidencial a los chilenos* (1999) e naquele momento acompanhei a grave situação que havia com os conflitos entre mapuches e os invasores de seu território ancestral, principalmente pela prisão de alguns Mapuche que, sofriam um encarceramento abusivo, tidos como guerrilheiros/terroristas, devido a leis anacrônicas que perpetuavam a injustiça contra esse povo ancestral que apenas defendia suas terras. Encarcerados, naquele momento, faziam greve de fome contra essa injustiça. O Estado chileno aplicava uma lei pinochetista, ao invés de difundir o mapudungun e a cosmologia Azul para compartilhar a delicadeza de pensamentos Mapuche e o modo como uma cultura ancestral assume o cuidado dos bosques e de seres da floresta, como se lê em seus versos:

“raíces de árboles são nossos pés
 Asas de ave ao passar tem nosso Coração.”

Elikura: Chaltu lamgen Mari mari pu lamgen, Feley, Diana, Giane

Chaltumay tu fachi nv²tramkan mew, tu fachi trawvn mew.

Mari mari pu peñi, pu lamgen, pu pichi keche, wechekeche.

Mari mari kon pu che, fachantv Zungu winka mollvnche zungu fewla.³

- “Gratidão, irmã. Olá, irmãs, Diana e Giane. Agradeço por essa conversa. Agora falarei não em Mapuche, falarei em mestiço.” Saudações às crianças, aos jovens e a todos que estão ouvindo este diálogo, essa forma tão humana e natural que é muitas vezes negada e que muitos parecem ter-se esquecido, uma das humanas ações: a conversação. Estou feliz

² Diferentemente do mapudungun, em *chezungun* existe uma sexta vocal, que se pronuncia **ü**, seu som é como uma **u** normal, mas se executa com a língua tocando o palato, sua simbologia varia dependendo do “grafemário” utilizado, neste caso para substituir o **ü** se utiliza o **v**.

³ Tradução do Mapudungun por Hanssel Retamal (PPG IELA/UNILA).

em poder usar desse instrumento que nos aproxima, pois embora alguns se esqueçam todos os seres humanos provem de povos ancestrais. Natureza? Esse antropocentrismo não terminou, se alude. Casa Azul, o pátio é o bosque. Sendo parte de todos os seres vivos.

Quando o ser humano começa a escutar a essa Natureza. Somos produto, a Arte se faz na capacidade de escutar, escutando a linguagem da Natureza. De onde viemos e para onde vamos. Infinito caminho de estrelas.

Aclarar que estudei obstetrícia, nunca exerci, a cor, aroma, textura, se impôs a esse outro sonho. Dois sonhos... Aprendi o sonho dos pássaros. Ser uma gota mais do lago... Pergunta a Alai sobre oralidade. Nunca tive pretensão de neologismo. Para mim seria uma obviedade a oralitura. Chamei desse modo, ao falar com um querido amigo maya, em Tezcala, conversa noturna com escritores, em diferentes afazeres quanto ao pensamento de nossos antepassados e eu formulei esse termo reiterativo a respeito de que nunca me senti parte desse mundo que se pensa como literatura. Os livros são uma causalidade, habitante de um espaço vazio... Isto de viver é como um andar e a oralidade é como uma parte do corpo..., mas sim da oralidade, como menino, como jovem, eu me sentia habitando um espaço vazio. A palavra oral começa com todos os seres vivos. A humanidade caminha com isso entre o membro esquerdo e o direito e eu me sentia nesse espaço não nomeado. Continuei pensando, alguns provenientes de Colômbia, seguimos refletindo sobre isso, oralitura. Pensando em um relato, um *epew* de nossa gente. Mapuche > gente da terra > mapuche, nós somos uma casa transitória entre o coração, corpo que perece , e a outra, infinito, azul em que o espírito dialoga com o coração. Água das palavras, e a pedra. É preciso cavar para encontrar a pedra. Margem, duas margens, levantar uma ponte, uma margem (*orilla*) oralitura e a outra escritura. Duas ladeiras. Eu sou mais emocional que intelectual. Talvez exista a palavra. Um grupo de antropólogos que estava estudando a arte. Oralitura, seriam os artefatos culturais africanos.

Em que ano a professora começou a falar em oralitura?

Alai - Em 1997. Leda Maria Martins pode sim ter lido os norte-americanos sobre a oralitura.

Elikura - Me interessa saber. 1997? Usei oralitura em 1990. Anterior aos norte-americanos. Começo com estufa elétrica, a lenha está um pouco mais para lá. Tivemos um terremoto, faz muito frio, um forte sísmico, tempestade, território convulsionado, não

só no plano social. A palavra oralitura designa as manifestações culturais dos afrodescendentes. Desde o Oriente, donde nasce a lua e o sol Água da palavra. Isto é como um andar, a oralidade é uma parte do corpo e a literatura é a outra parte. A humanidade camina com isto, e a habito. Neste mundo de pouquíssimos... E agora um poema, se me permitem.

Ini rume ñamvm noel chi llafe

Feyti vlkantun che mu rume
 kvmelay, pigeken
 Ka fey ti mawizantu ayiwigvn
 ti pu aliwen
 ñi kallfv folil mu egvn
 ka ñi chagvll negvmi ti kvrvf
 chalilerpuy vñvm egu
 ti Pvnon Choyke
 Feyti vlkantun alvkonchi wirarvn
 feyti pu lalu
 kiñe pin ti tapvl rimv mew
 feyti weñagkvn feyti wecheche
 ñi petu zugu ñi kewvn
 welu ñami ñi pvllv
 Feyti vlkantun, ti vlkantun fey
 kiñe pewma feyti afvl chi mapu
 tami ge ka iñche ñi ge, vlcha
 allkvfe piwke, ka feychi
 vl zugulvn
 Ka zoy pilayan, ini rume penolu
 ti llafe ini rume ñamvn nolu
 Ka vlkantun fey ñi vl tañi
 pu Kuyfikeche
 pukem antv mu vy lu ka chonglu
 feyta chi kisu zwam weñagkvn.

La llave que nadie ha perdido

La poesía no sirve para nada
me dicen
Y en el bosque los árboles
se acarician
con sus raíces azules
y agitan sus ramas el aire
saludando con pájaros
el Rastro del Avestruz
La poesía es el hondo susurro
de los asesinados
el rumor de hojas en el otoño
la tristeza por el muchacho
que conserva la lengua
pero ha perdido el alma
La poesía, la poesia
es un gesto, un sueño, el paisaje
tus ojos y mis ojos muchacha
oídos corazón, la misma música
Y no digo más, porque nadie
encontrará
la llave que nadie ha perdido
Y poesía es el canto de mis
Antepasados
el día de invierno que arde
y apaga
esta melancolía tan personal.

A chave que ninguém perdeu

A poesia não serve para nada
me dizem
E no bosque as árvores
se acariciam
com suas raízes azuis
E agitam seus ramos o ar
saudando com pássaros
o Cruzeiro do Sul
A poesia é o fundo sussurro
dos assassinados
o rumor de folhas no outono
a tristeza pelo garoto
que conserva a língua
mas perdeu a alma
A poesia, a poesia
é um gesto, um sonho, a paisagem
teus olhos e meus olhos garota
ouvidos coração, a mesma música
e nada mais digo, porque ninguém
encontrará
a chave que ninguém perdeu.
E poesia é o canto de meus
Antepassados
o dia de inverno que arde
e apaga
Esta melancolia tão pessoal.

Alai – Me encanta, Elicura. Atrevi-me a traduzir o seu poema ao português.

Giane Lessa pergunta: A professora Diana e eu somos da Universidade Federal da Integração Latino-americana e estamos diariamente em contato com estudantes de toda América Latina e Caribe e, mais recentemente da África. Muitos estudantes são provenientes de culturas orais e transitam pela escrita alfabética e a oralidade; alguns com mais desenvoltura que outros. Como foi para a criança, o jovem e agora para a pessoa adulta viver entre línguas e culturas, como é que essas línguas habitam esse corpo? Como o desconhecimento ocidental das culturas orais se faz presente? Como lidar com isso, seja na poesia, seja na vida diária?

Elikura: A resposta para essa pergunta é longa. Tentarei abordá-la minimamente. Claro, essa é a história de todos os escritores e escritoras, hoje em dia *oralitores*, dos denominados povos nativos, originários, indígenas, aborígenes ou como queiram chamá-los. Como costume dizer, nessa desmemória das denominadas culturas ocidentais, é nesse compartilhar de sua desmemória, em sua negação que residem os principais problemas que existem atualmente. Não somente nessa grande muralha de separação que vem sendo construída, no desejo de esquecer as culturas nativas, quer dizer, de esquecer e negar dentro de si mesmas esta realidade: o fato de que os seres humanos, independentemente do que somos, somos habitados exatamente pelo mesmo: o infinito e a temporalidade; a brevidade do corpo. Mas nessa separação residem também outros esquecimentos como os sonhos, a linguagem dos sonhos, o idioma dos sonhos, a conexão com o universo.

Acredito que atualmente existem problemas conceituais pouco abordados nas práticas cotidianas, a meu ver. Um deles é o conceito de originário, por exemplo, e todos os sinônimos que ele tem atualmente. Por outro lado, o conceito de cultura, por outro lado, o conceito de povo/nação, também o conceito de desenvolvimento. Entendo que tem havido um permanente desdém para com as culturas nativas derivado dos demais. Esse problema conceitual produziu um pequeno grupo de poder que esteve e está nos denominados Estados, nos poderes do Estado, em todos os poderes de Estado e que existem em praticamente todos os territórios do mundo. Um grupo pequeno de cada território que denominei “países superficiais e alienados”.

Aqui, me refiro especificamente ao Chile superficial e alienado porque não lhe interessa entrar em profundidade no fato de estar sempre olhando para os outros territórios, para a branquitude, que é seu ideário ressaltar como condição de poder sua própria branquitude

ou se alguém é moreno, ou de outra cor, branqueá-lo. No caso do Chile, especificamente, sempre esteve voltado para a Europa. Na época que eu estudei, tive de sair, como todos da minha região, ao exílio na cidade porque, como fala a nossa gente, as famílias crescem e a terra não se estira. Tive que buscar uma alternativa de sobrevivência. Os programas escolares falavam da cultura inglesa, francesa, italiana e hoje falam dos Estados Unidos. Então, é importante olhar de maneira muito especial para a própria cultura, nesse caso o Chile profundo que é a maioria dos habitantes deste país que tem sua maravilhosa morenice. Eu acredito que esse problema conceitual, que inclusive foi usado como tijolos para criar uma metáfora desses conceitos unívocos, caminham sempre na mesma direção, levantando uma muralha que nos separou.

Se nos detivermos um pouco sobre essas questões, sobre esses tijolos, perguntaríamos, hoje, atendendo as nossas preocupações sobre a palavra desenvolvimento, por exemplo. Quando costumam dizer nesses discursos “convocamos a todos para uma reunião sobre o desenvolvimento”. Perguntamos: Que desenvolvimento é esse? Sabemos que se trata de um desenvolvimento contra a natureza. E afirmam que os povos nativos não queremos o desenvolvimento. E nossa gente diz “sim, queremos o desenvolvimento com a natureza, porque ir contra a natureza seria ir contra nós mesmos, já que somos parte da natureza. Quando perguntam se a natureza tem direitos, respondemos que não cabe a pergunta. Se a natureza não tem direitos, então os seres humanos, os animais e nenhum ser vivo tem direitos.

Quando se trata da educação, nos deparamos com o olhar para fora e a ignorância do que está dentro, de não amar aquilo que não tocou. Quando se fala de justiça, nossa gente é levada à prisão porque defende a natureza. A justiça foi perturbada, foi subvertida, mas e a legitimidade? Esqueceram da legitimidade, ocultaram-na. Porque a justiça do Estado foi imposta, usurpou o território, o território da nossa Wallmapu⁴ foi ocupado e começaram a chamá-lo Chile. Impuseram a justiça entre aspas, mas uma justiça de poucos. O mesmo ocorreu com a educação.

⁴ O *Wallmapu*, constitui a expressão territorial do Mundo Mapuche, espaço de ancoragem de sua memória, fundamentado na cosmovisão mapuche e no Ad Mapu, que é o sistema de regulação do comportamento individual e coletivo dentro dos diversos espaços que compõem o território e que se dividem nas quatro partes da terra ou *Meli Witran Mapu* onde se constituiu desde sempre diferentes identidades territoriais. Tito Trocot, 2009.

Se nos referimos ao âmbito da fala, da escrita, eu sempre começo dizendo que ao longo de minha vida, dessas décadas que acumulei no meu trajeto pela Terra, aprendi que os idiomas são ecléticos. Todos os seres humanos estamos de frente para o mundo perguntando sobre o mistério da vida, tentando revelar alguma coisa sobre isso: quando no sistema educacional é negado o conhecimento dos povos nativos e se fala unicamente sobre o método científico, se esquecem que esse método magnífico tem uma pedra angular que é a observação, essa observação que fizeram e continuarão fazendo todos os povos do mundo, todas as gerações do futuro, com a carga da memória que tem a ver com o passado porque para nós tudo é circular.

Nos dizem: somos o presente porque temos memória do passado. O passado nos habita. O futuro também nos habita. Hoje, por exemplo, que futuro queremos? Queremos o passado no sentido que queremos rios não contaminados, queremos lagos abundantes, queremos vulcões cobertos de neve etc. Quando começamos a pensar na escrita e pensamos que estamos – neste tempo de pandemia – nos legados de nossos anciãos – levamos dentro de nós uma conversa que é a conversa dos nossos antepassados, nós vamos agregando pequenas coisas, nossa vida, mas já carregamos aqueles diálogos. Por isso é importante escutar a nós mesmos, a essas vozes. Às vezes não escutam os nós mesmos. Carregamos aquelas vozes de nossas *alter* nativas, de nossos *alter* nativos que nos oferecem suas vozes quando conversamos com alguém. Vocês e eu, neste momento, estamos cortando as melhores flores, as mais belas para oferecer aos demais nessa dualidade que nos constitui: positivos e negativos.

Então, quando você me faz essa pergunta, Giane, que é uma pergunta que se instaura nessa relação entre pessoas que pertencemos a culturas distintas, territórios distintos, nos levam a reafirmar aquilo que todos os povos nativos do mundo têm estado reiterando: ninguém escolhe nascer num determinado tempo, num determinado território, num lugar, numa cor, numa história, num idioma, numa visão de mundo. Mas, temos uma tarefa, nos dizem, que é conhecer aquilo que nos tocou ser, aquilo que nos tocou viver. Conhecer o que nos tocou ser e viver é a única possibilidade de amar o que somos, de sentir ternura por nós mesmos para, então, ser capaz de alcançar ternura pelos outros. Se não for assim, a diversidade, a famosa diversidade não é mais que um discurso. Nossa tarefa é aprender a conhecer o que nos tocou, dizem. Este é um conceito fundamental no pensamento mapuche e de todos os povos nativos e de todos os povos do mundo que, portanto, é

assumirmos, sentir que, na realidade, somos parte desse maravilhoso jardim da Terra. Todas as cores são imprescindíveis como num jardim. A diversidade das cores é que constitui a maravilha do jardim. As culturas são como flores, cada uma tem a sua forma, sua textura, seu aroma, sua cor. É preciso compreendermos que quando uma murcha ou desaparece, todos perdemos. Então, quando em tempos de pandemia voltamos a olhar, intensificamos esse olhar para a importância desse diálogo entre a lua e o sol. Como todos os seres humanos somos parte disso porque sofremos a influência deles, dessa dualidade do universo, a dualidade da Terra, da natureza da qual somos parte. Somos razão e emoção. O principal não é a razão. Ambas compartilham um papel fundamental, lembrando que o feminino e o masculino são paridade, mas deveriam ser semelhantes para alcançarem a igualdade.

Quando pensamos como pensamos, como ordenamos nosso pensamento, como ordenamos nossa razão, é a emoção que ordena. Se negamos a emoção, alcançamos, diz a nossa gente, menos profundidade em nosso pensamento. A emocionalidade nos permite compreender que somos apenas uma pequena parte do que se denomina *itrofilmogen*⁵ que pode ser traduzido como biodiversidade, mas que significa a totalidade sem exclusão, a integridade sem fragmentação da vida de todos os viventes.

Minuto 50 ao minuto 1:08:

Diana Araújo Pereira pergunta - Com esta conversa tão bonita, tão profunda e densa, gostaria de trazer um pouco mais do contexto atual, aproveitando muito do que já foi dito por Elicura. Estamos, no Brasil, pendentes do que está acontecendo no Chile desde 2019, 2020, e agora que estão com este processo fundamental da Constituinte. Você falou da necessidade de paridade e vemos uma composição paritária neste grupo. E vemos sobretudo uma professora mapuche presidente da Comissão Constituinte do Chile. Também me chama atenção que a Biblioteca Nacional apresente a sua obra como a de um mediador cultural. Então, gostaria de te perguntar o que você acha das mediações culturais; se você considera que há avanços concretos com os números da paridade e com a professora mapuche na presidência, que me parece muito simbólico e importante. Como

⁵ O significado desse conceito faz referência à biodiversidade, ao laço que une as pessoas com todos os espaços naturais. A totalidade sem exclusão, a integridade da vida sem fragmentação, todos os seres vivos.

você vê tudo isso? São avanços? Um poeta mapuche ter sido premiado seria um avanço de mediação cultural? Das mediações das quais estamos pendentes? Isso que você disse, de levantar pontes em lugar de levantar muralhas? Será possível levantar pontes entre os poderes do Estado? Será possível que estas pontes finalmente se levantem na estrutura institucional do Estado-nação chileno? Como você vê tudo isso?

Elikura – Difícil pergunta, e a resposta é longa. Tentarei me aproximar um pouco. Eu me declarei, há décadas, um cético otimista porque me parece que o caminho, este longo caminho que se abre, requer questões que são fundamentais, mas também difíceis de abordar. Me parece que houve avanços, sem dúvida. Sempre houve avanços, às vezes muito pequenos e dessa vez, claro, é um avanço mais importante que não tiram de mim o cético otimista porque o Chile superficial e alienado continua com seu poder ainda bastante sólido, apesar do que vem ocorrendo, foi minimamente reduzido. Então me parece que há algo que é difícil que aconteça no curto prazo, que acontecerá quando houver um avanço real, que é ver essa alteridade com o trabalho de convocar à ternura. E aceitar que o outro e a outra não é mais nem menos que nós. Quando se entra no diálogo, o diálogo não é de poder, mas de busca de igualdade. E creio que no Chile, como talvez em boa parte do mundo, isso ainda está longe de acontecer. Quando me perguntaram, há alguns meses, eu disse que tinha que ser um livro poético, com palavras poéticas, mas que requer que a “chilenidade” profunda ocupe um lugar em si mesmo, que comece a questionar-se, que comece a pensar que há a possibilidade de uma enriquecedora conversa. Porém, se queremos igualdade então o Chile profundo tem que começar a pensar-se a si mesmo, a assumir esse caminho de possibilidade de olhar-se a si mesmo com tranquilidade, com amor; olhar-se no espelho da interioridade e da exterioridade e dizer: “este sou eu”, e vamos adiante. Não sou nem mais nem menos que os demais. Assumir-se é um requisito básico para que isso tenha solidez. A conversa, reitero, tem que ser entre iguais. O que eu percebo é que a discriminação e a desmemoria continuam muito vigentes, muito reiteradas através de discursos, de conversas. Sim, certamente vai surgir uma Constituição que reafirme algumas coisas que estavam na Constituição anterior, mas que eram desconhecidas, e que também estabeleça novos aspectos. Mas tudo isso vai depender de como o povo chileno profundo, em sua diversidade, for capaz de expressar e sobretudo de reclamar esses direitos, essas visões. Sem isso eu acredito que terá pouco futuro essa nova constituição, se o grupo de poder se impuser, inclusive como já está se manifestando, a não aprovar a Constituição, a fazer com o que o Chile

profundo, que é a maioria, vote por não aprovar a Constituição. Isso é um risco real. Certamente vocês, no Brasil, devem ter mais antecedentes do que nós, de mudanças tão profundas que esperamos que aconteçam no Chile. Temos menos informações gerais do que está ocorrendo. É um momento esperançoso, mas também de muito ceticismo porque, pelo que eu soube através dos meios de comunicação (aqui a rádio às vezes não se escuta bem), meios que parecem democráticos, mas que estão trabalhando para o pequeno grupo de poder. E me parece que dentro da Constituinte, às vezes, essa minoria, que responde aos grupos de poder, é capaz de quase torcer os desejos da maioria que está com toda a esperança, otimismo e conhecimento de sua cultura, tentando contribuir, tentando levá-la à página. Como alguém já disse, essa seria uma verdadeira revolução se chegar a se concretizar. É um momento impensado, posto que aqui estamos em um país com uma grande macroeconomia, mas que beneficia só esse pequeno grupo de poder. E vocês devem saber que houve grandes desfalques e vendas muito questionadas de minas, de ocupação de territórios, e que as madeiras continuam avançando, continuam atentando contra as camadas subterrâneas de água; milhares de hectares de pinheiros e eucaliptos. Quando me falam sobre pinheiros e eucaliptos eu penso na brisa, seu sussurro entre os galhos do pinheiro; penso na folha de um eucalipto, aqui temos dois ou três eucaliptos (porque é belo o eucalipto, como é belo o pinheiro também). Minha mãe colocava a folha do eucalipto no fogão, na “ruka” - a moradia de antes, colocava no centro uma bacia, ou um tacho, artefato de argila, no inverno, para ajudar a respiração... Seu aroma tão suave ou tão intenso, tão agradável. Então o pinheiro e o eucalipto, como diriam no mundo tão ocidental, de cristandades diversas, não tem culpa. É como pensar o ser humano, o homem e hoje em dia talvez a mulher, que estão em um exército, reunidos no exército... a culpa não é do ser humano, a culpa é do sistema que o obriga. Aqui, o mesmo para o pinheiro e o eucalipto. O problema não é que existam, mas que ocupem milhares de hectares e com isso acabaram com as camadas subterrâneas de água. Então quando dizem, saindo um pouco da pergunta, que os mapuches, que somos maioria como povo nativo aqui nos opomos a madeiras, é um grande problema. E acusam de violentas a nossa gente que aciona contra, ou até mesmo de terroristas. Mas o que pode ser mais violento do que fazer algo como essas plantações de pinheiro e o eucalipto por milhares de hectares, atenta-se contra a água, sabendo que a água é água da vida, nem mais nem menos? E os denominam bosques, outro aspecto de um problema conceitual. Então o bosque diverso, que permite a vida de insetos, de animaizinhos que protegem a vida da água. Vírus e bactérias estão sendo vilipendiados neste tempo pandêmico, mas o que ocorre é que sua ação se dá

quando o seu meio foi violentado. E temos que lembrar, como já foi comprovado cientificamente, as bactérias e vírus são habitantes do universo. E foram os primeiros habitantes da Terra e estarão depois de nós também. Então o espaço deles, como habitantes da natureza, da Terra, foi violentado. Há algo mais terrorista do que isso? Quanta vida custou tudo isso? Então, bom... por agora é isso.

Diana: Muito obrigada.

Elikura: Não quero tirar o tempo de vocês num domingo. Aqui pelo menos já é possível compartilhar algo com amigos. A princípio, o governo demorou para tomar providências, mas por fim houve vacinação em massa e estamos mais à vontade agora. Então se me permitem quero um ler um poema que tem relação com o que estávamos conversando. Vocês me permitem? Já estive em vários países da América, boa parte da Europa, mas a virtualidade auxilia. Falta ainda estar em alguns países. Fui convidado para ir ao Vietnã e a China. E a Oceania, reiteradamente a Austrália. E claro, estive em seu belo território.

Elikura: poema em mapudungun

Itrofill mogen

May, ¿iney feyentulayafuy?

pigeken: Ti Ko fey ta Mogen

¿Welu chem kam ta ko

mvlenole Kvrvf?

¿Welu chumkey ti Kvrvf

ka ti Ko mvlenole Mapu?

¿Welu chumkey ta Mapu

mvlenole ti Kvtral?

¿Welu chumkey ta kvtral

mvlenole ta Antv?

¿Welu chumkey ta Antv

mvlenole Kvyen ñi trufken?

¿Welu chumkey ta Kvyen

mvlenole ta Ñikvf ñi vl?

¿Welu chumkey ti ñikvf

mvlenole chi Azkintun?
 ¿Welu chumkey ta azkintun
 mvlenole ta Zugun?
 ¿Welu chumkey ta Zugun
 mvlenole ta Mogen ñi neyen?
 ¿Welu chi Itrofill ñi neyen
 mvlenole Mogen tañi Ko?*

*Freneaen, eyimi amulñifige tvfachi vlkantun:

Ragintu ta chi kileen chi mawiza mew
 Chi liwen mvlfen mew
 Inaltu ta ti kiñeke witrunko mew
 lewfv, trayenko, lafken
 Azkintulen chi fvtrake wampu konwe
 antv mew ti fvtralafken mew
 ka ti kvtran kvrvf chi antv mew...
 Chi wente wigkul pun mew ka welun zugu
 ta rakizuam mew ta peyepeyemvn mew.

El água de la vida

Sim, quem pode duvidar
 Me dizem
 El água es la vida
 pero
 qué hace el água
 sin el aire
 Sí qué hace el aire
 Y el água sin la tierra
 Pero qué hace la tierra
 Sin el fuego
 pero que hace el fuego
 Sin el sol
 pero qué hace el sol,
 Volume 23
 Número 54

A água da vida

É, quem pode duvidar
 Me dizem
 A água é a vida
 mas
 que faz a água
 sem o ar
 E que faz o ar
 e a água sem a terra
 Mas que faz a terra
 sem o fogo
 mas que faz o fogo
 Sem o sol
 mas que faz o sol

Sin la ceniza de la luna	Sem a cinza da lua
Pero que hace la luna	Mas que faz a lua
Sin el canto del silencio	Sem o canto do silêncio
Pero que hace el silencio,	Mas que faz o silêncio
Si no sucede la contemplación	Se não sucede a contemplação
Pero que hace la contemplación	Mas que faz a contemplação
Sin la palabra?	Sem a palavra?
Pero que hace la palabra	Mas que faz a palavra
Sin el aliento de la naturaleza	Sem o alento da natureza
Pero que hace la naturaleza	Mas que faz a natureza
Sin el agua de la vida?	Sem a água da vida?
Por favor continuen Uds. ese poema	Por favor continuem vocês esse poema
En médio de los últimos bosques.	Em meio aos últimos bosques.
En el rocío de la madrugada	No orvalho da madrugada
A orillas de los minguados ríos,	Às margens dos minguados rios,
Saltos, lagos	Saltos, lagos
mirando los barcos	mirando os barcos
En el horizonte del mar	No horizonte do mar
Y en el aire contaminado del día	E no ar contaminado do dia
En la cumbre noturna	Na cúspide noturna
Y más delirante de la imaginación	E mais delirante da imaginação.

Alai- Gratidão por esse poema “A água da vida”. (O galo canta) Acho que o galo cantou. Escutei o seu galo Parece que está dizendo que é hora de se levantar. É hora de despertar para seu trabalho...É hora de despertar para suas coisas, não é? Eu digo, bem, mas eu tinha uma questão sobre os sonhos . Me parece que em outras culturas ancestrais, o sonho é uma categoria, eu diria, de pensamento e de ação, de atitude. Coletiva muitas vezes.

Por exemplo, os Chamacoco do Chaco paraguaio ao despertar se reúnem para contar seus sonhos. E eu queria saber se for possível, saber que nos explicasse algo sobre seus sonhos, e se os poemas têm algo a ver con seus sonhos?

Elikura – Alai, esse é um belo tema e isso de que é um idioma que as culturas ocidentais foram esquecendo... E também o dia e esse diálogo entre a Casa Tradicional. A casa de

meus avós que se chama “ruka”. Quando nos reuníamos nela, passávamos na primavera, verão e dormíamos aí. o dia aí nós também, me recordo que íamos à Casa Azul, a casa tradicional...Quando nos reuníamos, passávamos o dia na Casa Azul, sobretudo no inverno, aqui também cai neve... Ficávamos na Casa Azul...Dormíamos aí ao lado do fogão. Cada um com seus cobertores. Ao despertar para começar o dia... a pergunta era feita pela minha avó...Contava. E ela dizia: *Pew unmai in mi? Pew u mato in mi? Você sonhou?”* O que você sonhou? Sonharam? Começava cada pessoa a contar o seu sonho sabendo o que era o sonho verdadeiro. Como se costuma dizer, todas as pessoas sonham, mas nem todas recordam seus sonhos, precisamente porque foram esquecendo esse idioma. E pensando também quais são os sonhos verdadeiros? São os se produzem ao final da noite e antes que apareçam os primeiros raios de sol. Hoje em dia se sabe através da ciência nós sonhamos, em princípio quem não tem essa cultura do sonho não alcança os sonhos verdadeiros... As pessoas sonham algo que é reiteração do que foi vivido no cotidiano... Isso não é o sonho verdadeiro algo que viveram durante o dia. E assim mulheres e homens começavam a contar os sonhos tomando sua primeira refeição matinal e nós, crianças começávamos aprender as claves para interpretar nossos sonhos. Hoje em dia se sabe, à luz da ciência que todos nós sonhamos. Então começavam a contar seus sonhos mulheres e homens, tomando aí a primeira refeição do dia, e assim nós, crianças começávamos também a aprender as claves para interpretar nossos sonhos. E até o dia de hoje seguimos contatando, eu, pessoalmente, conto em um livro de memórias chamado *La vida es una nube azul* em que faço uma abordagem dos sonhos e que a evidência de futuro estaria no sonho e nos permite explicar um pouco mais desse mistério que há nos sonhos, o que aludia no início de nossa conversa. Porque os sonhos se adiantam ao que vai nos acontecer na vida. Sabemos é que não podemos intervir nos sonhos. Simplesmente constatar o que vai suceder. Porque claro, não podemos mudar o tempo, como nossa gente diz: não escolhemos o tempo para nascer, nem o território, nem a família, etc, etc... Então os sonhos nos permitem também reunir e conversar com nossos antepassados / antepassadas e poder visualizar nossos entes queridos... e visualizar os espaços em que habitamos e talvez já não estejam. E descobrir um pouco esse mistério do ciclo da vida que começa para nós, no Azul infinito do oriente e que continua, quando o espírito decide abandonar sua casa transitória, e abandona seu corpo e continua seu caminho até o rio das lágrimas. Então nessa viagem porque a vida nos diz que somos parte de uma corrente, inicia-se na cordilheira e termina no mar. Então nos permite ver se nosso caminho está bem, ou teremos que emendar aspectos dele. Sempre é preciso fazê-lo. Porque a honra

está no passo seguinte... Neste caminho que vamos. E os sonhos também reafirmam nossas conexões com..., não só com a família > **Tuwün**, mas também, em mapudungun, nos referimos ao Território > **Wallmapu**, à família - Tuwün e à comunidade à qual pertencemos > **Lof**.

E assim também, às vezes, os sonhos ocorrem coletivamente, quando é algo que diz respeito a toda a comunidade. Então pode haver duas ou três, ou mais pessoas que sonham algo em relação a algo positivo que vem ou negativo que vem. Então quem interpreta os sonhos coletivos se denomina **Pewon**, o que interpreta ou a que interpreta os sonhos. E quem comunica a interpretação é **Lonko** da comunidade, **Lonko** significa o cabeça da comunidade. Os sonhos nos permitem fazer algumas afirmações. Que o território, portanto, inclui os sonhos, o caminho que temos que andar, o sonho vai dizer, o caminho que temos que andar é um território cultural. Não é um território. Isso é o que interessa. A propósito de todas as perguntas que foram feitas, não é um território político que se impôs, como as plantações sobre os bosques. Com a política passava o mesmo. Mas a política pertence ao território cultural: O território cultural é equivalente a *Itrofill mogen* (a totalidade). A política é um fragmento. Quando a política, nos dizem os sonhos, é... imposta sobre o território cultural, é quando então ocorrem os equívocos e os abusos de poder. A política tem que retornar. A Constituinte tem que retornar à compreensão, trabalhar a desmemória, de que a política é só um fragmento do território. Quando a política entender que é parte de um território cultural tem que responder e a todos no que ela habita. vai haver uma reviravolta. É o caminho, o território político é um fragmento como a plantação sobre o bosque, mas a política, dizem, precisará responder ao território cultural e a todos os que nele habitam A conversa sobre os sonhos faz ver o que é intangível, mas nos permite tornar mais nítido o que é visível.

Alai - Maravilha! Eternamente agradecida pela entrevista, pelos poemas. Não há como explicar a emoção que sentimos ao escutar suas reflexões e os pensamentos profundos que o poeta apresenta da cultura ancestral Mapuche. Um grande abraço a sua família e saudações a sua comunidade!

Giane e Diana também se despedem agradecendo ao poeta pela entrevista.

Elikura: (em mapudungún) *Pewkalekallael!* Até a próxima!

Data de recebimento: 15/05/2022
Data de aprovação: 08/06/2022